

João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

O múltiplo social: um panorama da sociologia de Gilberto Freyre

ADRIANO DE LEÓN

*Professor do Departamento de Ciências Sociais
e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia
CCHLA - UFPb*

"Como eu me sinto bem em ser escritor e morar em Apipucos. Não sabe como eu considero o meu trabalho de escritor acima de qualquer outro. Foi o que eu mais quis ser desde que quis ser alguma coisa: escritor. Escritor independente de governos e instituições. Viver para escrever e viver de escrever e sobretudo viver o que escrevo, o que evoco, o que procuro interpretar do homem brasileiro e do homem em geral."
Gilberto Freyre

Nascido em 1900 no Recife - PE, Gilberto Freyre é autor de uma obra vasta e polêmica. Situá-lo numa área específica das Ciências Sociais é, pois, tarefa difícil. Intelectual oriundo do Nordeste e sua imagem conservadora, seus escritos abrangem temas tão díspares quanto religião e culinária ou análise sociológica e saúde. O Nordeste aparece na obra de Gilberto Freyre com as contradições próprias do país: uma região considerada atrasada, de modernização tardia aliada a um apelo à crença de uma cultura legitimamente nordestina.

A elegia aos trópicos é uma constante na obra de Freyre. Isto foi, de fato, positivo para a formação de uma visão mais otimista dos trópicos. Até então, era tema corrente nos estudos geográficos, a tentativa de explicar a cultura pelas condições ambientais. Considerava-se o atraso, portanto, ligado aos fatores climáticos dos trópicos. Acreditava-se, espantosamente, que o calor desestruturava o homem. Eram nos trópicos que grassavam a fome, a pobreza, as doenças, a sexualidade animal. O olhar sobre o Nordeste é um olhar depreciativo, quase sempre. É esta região o território dos desertos, da ignorância, da pobreza, da degeneração racial, de tipos humanos como

"(...) o homem brevilinear se deteve na zona agrária (...) este homem é um leptossômico, o que vale dizer um indivíduo de reação psicológica preponderantemente esquizotérmica" ^[1]

Bastava que se observasse o globo terrestre para verificar espacialmente estas teorias da miséria dos trópicos: a maior parte da América Latina, da África e da Ásia. A historiadora Laura de Mello e Souza ^[2], ao analisar o imaginário da colonização europeia faz alusão à estreita ligação entre o diabo e o mal com as terras tropicais. O Padre Antônio Vieira, revoltado com a troca do nome da colônia de Terra de Santa Cruz para Brasil, dizia que uma terra que evoca a idéia de fogo, de inferno como a palavra Brasil não poderia jamais a ser um território da extrema misericórdia da Igreja Católica.

Para um Brasil inserido nos trópicos, com a região de clima temperado no Sul e Sudeste mais desenvolvida do que o Norte e Nordeste, nada melhor do que a busca por um referencial identitário regional que, se não justificasse a pobreza da região, ao menos a colocaria como patrimônio de uma cultura específica e rica em tradições. Assim, o Brasil do início do século 20 busca compreender as tradições e contradições deste país chamado de Belíndia, pelo seu desenvolvimento aos moldes

da Bélgica, pelo seu subdesenvolvimento aos moldes da Índia. Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Hollanda, Oliveira Viana e Gilberto Freyre, entre outros, desta maneira, vão tentar construir o caráter identitário do Brasil a partir de ensaios sociológicos os quais vão se misturar à literatura regionalista de José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Mário de Andrade e Euclides da Cunha.

Constrói-se, pouco a pouco, o romance social do país desigual e diversificado, de um ruralismo romântico e uma urbanidade tentadora. Abandonam-se os conceitos como "meio" ou "raça" para se formatar uma identidade com bases nos conceitos das Ciências Sociais, como modernização, classes sociais, cultura e crítica do social. O discurso da escola paulista de sociologia interpreta o mundo a partir de análises macroeconômicas que apontam para o desmonte de formas arcaicas de poder como aquelas vigentes no Nordeste. Sociedade civil e processos urbanizadores são a ponta de lança dos estudos críticos de instituições de ensino superior no eixo Sul/Sudeste.

O próprio movimento modernista visa unificar as bases culturais do Brasil com um grito de renovação estética a partir da cidade como ponto de encontro de idéias, teses e projetos que alavancariam o país para o sonho da Modernidade. Gilberto Freyre, durante este período, constrói parte do que se denomina de modernismo regional. Sua tônica é a eterna luta da tradição com a Modernidade, o que significa uma redescoberta de uma cultura regional com seus próprios referenciais simbólicos. Mais uma vez se tenta buscar uma identidade nacional sem sucesso, uma vez que deste intento surgem dois Brasis bem distintos: o romântico tradicional no Nordeste e o realista e moderno do Sul.

O autor de Casa Grande e Senzala, neste sentido, se investe de instrumentos das Ciências Sociais oriundos de seus estudos nos Estados Unidos e Europa para narrar histórica e sociologicamente a experiência social do Brasil, partindo do Nordeste como pano de fundo. Sua aguçada erudição trabalha com a sobrevivência de traços culturais que originaram o que se pode conceituar como cultura nacional. O discurso freyreano é também fundante, pois como narrativa sociológica vai além dos rumores das imagens lúdicas dos romances regionalistas para atingir a maturidade da explicação causal pretendida pela Ciência Moderna. Grande parte dos escritos de Gilberto Freyre é uma reescrita de fatos históricos, os quais adquirem importância e impacto graças ao método sociológico pelo qual o autor analisa tais fatos. Sua riqueza de fontes é inesgotável. Em contraponto às teses regionalistas de Freyre, a escola paulista de sociologia, originalmente marxista, interroga se a obra do sociólogo é ou não um apelo ao conservadorismo. Isto deixou Freyre fora dos programas de Sociologia por um longo período.

É de se notar que a construção dos escritos clássica de Gilberto Freyre representa uma contraposição ao economês sociológico cantado pelos teóricos paulistas à época. Tentando justificar a decadência do Nordeste face à modernização do Sudeste, Freyre centra fogo numa elegia à cultura nordestina como detentora de relações de trabalho menos exploradoras do que aquelas oriundas do capitalismo instalado no Sudeste. O Nordeste era a verdadeira cara do Brasil, sua região mais brasileira^[3]. A pecha de conservador dada a Gilberto Freyre deve-se, em grande parte, ao modo como ele concebeu a cultura brasileira a partir do Nordeste. O refinamento teórico a partir da investigação do cotidiano – grande novidade na época – quase que justifica as criticadas relações entre elite e classes populares, a partir de um modelo funcionalista que beira ao ufanismo da sociedade patriarcal. O declínio econômico não fazia eco na visão regionalista freyreana. Ao contrário, seu grito é pela busca nas "bases, nas profundidades" do caráter brasileiro, o qual jamais poderia ser explicado pelas teses da modernização da economia que buscava o futuro.

O autor de Sobrados e Mocambos traz grande influência das teses sociológicas norte-americanas, principalmente da Escola de Chicago, tanto na forma quanto no conteúdo de seus textos. O uso de documentos pessoais, referências biográficas, práticas do cotidiano soa parte de seu referencial metodológico.

O pensamento baseado em critérios psicológicos leva Freyre a considerar o indivíduo como sua matéria-prima. Daí advêm os seus escritos sobre modos de vida, emoções, história de vida, comportamentos culturais, maneiras de agir, pensar e sentir, situações sócio-bio-culturais. A tese de mestrado de Gilberto Freyre, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, defendida em 1921 na Universidade de Columbia já revela esta faceta dos estudos do cotidiano que percorrem a obra deste autor em sua vertente mais ecológico-interacionista.

O mundo apresentado ao leitor de Gilberto Freyre aponta para uma reinterpretação do passado nacional, com vistas a um futuro de um país no século 20. O social brasileiro passa, desta maneira, a ser construído pela Sociologia e seus mecanismos analíticos. A proposta do cientista social leva em conta alguns elementos que visam estruturar a visão de uma unidade nacional. Freyre nega que o estado seja o elemento único de coesão da sociedade, ressuscitando temas como democracia racial, heterogeneidade cultural e patriarcalismo tropical. Ricos são seus comentários e análises sobre a influência lusitana na cultura nacional e o hibridismo com os povos africanos e nativos. A visão de Portugal foge do tipo puro de país europeu, uma vez que Freyre enxerga Portugal e Espanha como fronteiras de diferentes culturas também híbridas, cujo elemento de coesão cultural era a rusticidade.

O cotidiano tem em sua obra um enfoque privilegiado. O ambiente doméstico, a culinária, as formas de higiene, a arquitetura, o modo de se vestir dos indivíduos percorrem os escritos de Gilberto Freyre na interpretação das relações sociais. É crítica contumaz à obra do autor sua fuga às teses conflitualistas. Por um momento na história das Ciências Sociais no Brasil, esta escolha teórico-metodológica de Freyre categorizou-o como intelectual conservador. Ledo engano: ao autor mais interessava as interrelações pessoais na estruturação da sociedade do que as macro-narrativas baseadas na idéia de conflito. Trabalha o autor com os processos de trocas entre possíveis exploradores e explorados numa constante articulação entre a aliança e a ruptura nestas relações.

O Nordeste tradicional foi fruto de um processo de construção de uma identidade nacional que toma aqui a faceta regional. Juntamente com os romancistas de '30, Gilberto Freyre tentou resgatar o tradicional através da busca ao passado. A partir de suas próprias memórias, um retrato do Nordeste vai sendo esboçado com mesclas de erudito e popular em contraponto à urbanidade modernista do Sudeste. Com o Congresso Regionalista do Recife, em 1926, tentou-se formar um bloco teórico coeso que desse conta das inúmeras representações sobre o Nordeste. Gilberto Freyre, assim, sociologiza os discursos regionalistas sobre a região, dando a esta uma nova versão de Nordeste iluminado pela "cientificidade" da Sociologia. O Nordeste se personaliza num continuum identitário lastreado nos auspícios "de verdade das Ciências Sociais". Em confronto com o modernismo da paulicéia desvairada, Freyre pretendeu enfrentar o neocolonialismo representado pelas vanguardas que se faziam anunciar no Sudeste do país.

O fértil campo cultural norteia os estudos do autor. Aproximando o conceito de cultura ao conceito de região, o intelectual pernambucano imaginou o território como gênese das relações sociais. Das dicotomias culturais, Freyre traça o percurso da formação de uma cultura tradicional nas paisagens da casa-grande e senzala, sobrados e mocambos, moderno e popular.

As Ciências Sociais, a partir do século 19, foram responsáveis por conferirem sentido ao mundo. Do conservadorismo à crítica e mudança social, seu ímpeto foi tentar explicar as particularidades e generalidades de uma profusão cultural. Assim procedeu Gilberto Freyre, desfocando o centro intelectual de produção de saberes do Sudeste para o Nordeste. Vitimado pela intransigência das ideologias no passado, agora é hora de aprendermos com ele. É tempo de percebermos as contradições capital – trabalho sem deixar de lado o cotidiano da casa-grande e senzala. Afinal, são os indivíduos e suas interrelações que soerguem o que chamamos sociedade. Tecemos com nossos costumes o tecido cultural que de nós é indissociável. É tempo de Gilberto Freyre e outros tantos esquecidos pelas pressões das paixões temporais. É tempo de desenlaçar os discursos e perceber nestes os vieses de uma sociedade tão fértil quanto à obra de Gilberto Freyre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. (1933). **Casa Grande e Senzala**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. (1936). **Sobrados e Mocambos**. 5ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

_____. (1937). **Nordeste**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. (1947). **A Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. (1959). **Ordem e Progresso**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

_____. (1978). **Contribuição a uma Sociologia da Biografia**. Cuiabá: FCMT.

_____. (1967). **Manifesto Regionalista**. 4ª ed. Recife: IJN/ MEC.

SOUZA, Laura de Mello e. (1993). **Inferno Atlântico**. São Paulo: Cia. das Letras.

VALENTE, Waldemar. (1963). **Misticismo e Região**. Recife: MEC.

NOTAS

1) Relato do Dr. W. Valente, em **Misticismo e Região**, 1963: 27.

2) Veja **Inferno Atlântico**, 1993.

3) In **Nordeste**, 1937: 90.